

# A CONSTRUÇÃO [X<sub>R</sub>LOC]: ESTÁGIOS DA CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL

*Flávia Saboya da Luz Rosa*

*Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira*

*Co-orientadora: Hanna Jakubowicz Batoréo*

Doutoranda

RESUMO: Nossos estudos sobre a construção [X<sub>R</sub>Loc] – sendo X<sub>R</sub> um elemento injuntivo de função refreadora e Loc um pronome locativo – fundamentam-se, sobretudo, na abordagem da construcionalização e mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Neste artigo, em especial, tratamos dos estágios que, segundo Diewald (2002, 2006, 2008), compõem o processo de gramaticalização ou construcionalização gramatical: atípico, crítico e isolado. Além disso, iniciamos uma análise sobre o quarto estágio, proposto por Diewald e Smirnova (2012): integração paradigmática. As sequências formadas por termos injuntivos refreadores seguidos de locativos, a saber, *aguenta aí, alto lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí*, são analisadas, primeiramente, em recorte sincrônico por meio da coleta de dados no acervo digital de publicações dos diários do Congresso Nacional. Apesar de nosso propósito final ser a realização de um estudo diacrônico sobre o uso dessas construções, nesta etapa em desenvolvimento, propusemo-nos a investigar, na sincronia atual, seus níveis de gramaticalidade, entendendo que a gramaticização – fenômeno de transição entre categorias linguísticas em uma perspectiva sincrônica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) – reflete a transição categorial em um plano diacrônico. Consideramos, por hipótese, que *espera aí* atue como elemento exemplar da categoria em pesquisa, logo, utilizamos essa microconstrução específica para demonstrar os estágios supracitados.

PALAVRAS-CHAVE: construção, construcionalização gramatical, gramaticalização.

Segundo Diewald e Smirnova (2012), a construcionalização gramatical<sup>1</sup> ocorre em condições contextuais específicas. Uma função gramatical recém-desenvolvida não

---

<sup>1</sup> Embora as autoras utilizem o termo *gramaticalização*, optamos por adotar a expressão *construcionalização gramatical* (TRAUGOTT ; TROUSDALE, 2013), por ser mais abrangente e dar conta dos fenômenos observados em nossa pesquisa.

---

surge homogeneamente em todos os usos do referido item linguístico, ela é delimitada em sua origem a contextos linguísticos específicos. Essa percepção, nos últimos anos, produziu uma integração de conceitos usados nas gramáticas de construções aos estudos de construcionalização gramatical e o desenvolvimento de modelos detalhados para descrever os vários tipos de contextos em gramaticalização.

De acordo com as autoras, o modelo de sucessivos tipos de contextos é, de fato, generalizável para uma ampla gama de processos de gramaticalização pertencentes a diferentes categorias, porém, ele se torna tão geral que não se limita apenas aos processos de gramaticalização. Como solução para essa questão, as pesquisadoras introduziram um estágio adicional de desenvolvimento: o estágio de (re)integração paradigmática. Assim, acreditam que o quarto estágio restrinja o modelo à gramaticalização e refine as noções desse processo descrevendo suas fases posteriores e os processos que levam a elas de modo mais explícito e claro.

Nosso objeto de estudo são as microconstruções<sup>2</sup> *aguenta aí, alto lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí*, que instanciam a mesoconstrução<sup>3</sup> [X<sub>R</sub>Loc]<sub>RA</sub>. X<sub>R</sub> é um elemento injuntivo ou imperativo, por nós denominado *refreador*, pois relaciona-se à contenção de movimento, repressão, diminuição de intensidade, abrandamento etc. *Loc* é um pronome locativo, até o momento, preenchido por *aí, lá e aqui*. *RA* é o indicativo da função pragmático-discursiva da construção: *refreadora-argumentativa*. Os exemplos apresentados foram coletados no acervo digital de publicações dos diários do Congresso Nacional.

Neste artigo, primeiro, ilustramos o modelo de tipos sucessivos de contextos em construcionalização gramatical com o elemento exemplar entre as construções instanciadas por [X<sub>R</sub>Loc]<sub>RA</sub>: *espera aí*. Posteriormente, realizamos uma breve análise sobre o quarto estágio, de integração paradigmática.

## O modelo de tipos de contextos sucessivos

O modelo que Diewald e Smirnova (2012) tomam com ponto de partida é baseado no trabalho apresentado por Diewald (2002, 2006, 2008). A hipótese básica que fundamenta esse modelo é que um processo de gramaticalização pode ser desmembrado

---

2 Microconstruções: tipos individuais de construção. (TRAUGOTT, 2008).

3 Mesoconstruções: conjuntos de construções específicas de comportamento similar. (TRAUGOTT, 2008).

em três estágios ou passos sucessivos relacionados a contextos específicos, em que dois estágios, o segundo e o terceiro podem ser correlacionados com os tipos de construção sugeridos por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Esses três estágios são definidos da seguinte forma:

Quadro 1: Tipos de contextos sucessivos em gramaticalização

<b>Estágio</b>	<b>Contexto</b>	<b>Significado/Função</b>	<b>Tipos de construção (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)</b>
I- Precondições da gramaticalização	Contextos atípicos	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos

Fonte: Diewald, 2008.

Em seu plano principal, esse modelo é compatível com as sugestões feitas por Heine (2002) sobre contextos em gramaticalização e com o conceito de Traugott e Dasher (2002) a respeito dos estágios de desenvolvimento de mudança semântica. No entanto, há alguns importantes aspectos em que esse modelo difere dos outros. Em primeiro lugar, em contraste com os outros modelos, esse não é projetado para tratar, em geral, de mudança semântica. Ao contrário, ele se destina a dar conta da gramaticalização, isto é, um processo complexo em que mudanças semânticas e estruturais interagem entre si. Em segundo lugar, os três estágios não são definidos exclusivamente por características semânticas ou implicaturas conversacionais, mas sim por combinações particulares de características semânticas e estruturais que, em conjunto, compõem os contextos relevantes para as respectivas construções. O terceiro ponto é que o modelo não foca em um único item submetido a mudanças, mas em construções de extensões variadas.

No primeiro estágio, as precondições do processo de gramaticalização se desenvolvem. A unidade lexical em questão mostra uma expansão inespecífica de sua distribuição nos contextos em que não havia sido usada anteriormente, isto é, em *contextos atípicos*. Contextos atípicos fazem uso de construções existentes que – por meio de implicaturas conversacionais – aparecem em contextos/combinções de

---

construções que são incomuns e, ao mesmo tempo, podem ser facilmente interpretadas devido à estrutura composicional dessas formas.

O segundo estágio marca o efetivo desencadeamento do processo de gramaticalização. Ele está relacionado ao surgimento de um tipo muito específico de contexto, que é chamado *contexto crítico*. Ele é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas e, assim, propicia muitas alternativas de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. Nesse estágio, surgem novas construções que não podem ser reduzidas a uma combinação de construções conhecidas sem perda de informação. Portanto, a noção de contexto crítico pode ser associada com a noção de construção extragramatical, descrita a seguir por Fillmore, Kay e O'Connor (1988):

Essas expressões [construções extragramaticais] têm, certamente, estrutura gramatical, mas as estruturas que elas apresentam não se mostram inteligíveis por ter-se conhecimento das regras familiares da gramática e de como essas regras são aplicadas na maioria das vezes. (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 505).

A característica definidora desse tipo de contexto é a sua ambiguidade complexa, múltipla, isto é, a opacidade semântica e estrutural é uma característica necessária nesse tipo de contexto. Além disso, esse tipo de construção tende a desaparecer no desenvolvimento posterior à gramaticalização do item ou porque sua estrutura é perdida (ex.: por expansão para outros contextos) ou porque ela se desenvolve em uma estrutura não ambígua e, então, perde sua característica definidora, isto é, sua ambiguidade múltipla.

O estágio três mostra a consolidação do processo de gramaticalização em que o novo sentido gramatical é isolado, como um sentido separado do mais antigo, que é mais lexical. Esse desenvolvimento pressupõe a existência de contextos isolados para cada leitura, isto é, contextos linguísticos específicos que favorecem a interpretação para a exclusão do outro. Assim que a oposição entre contextos isolados mutuamente exclusivos é estabelecida, pode-se dizer que o processo de gramaticalização tenha alcançado um estágio avançado, já que não é reversível para um estágio anterior (ex.: para o *status* de várias implicaturas conversacionais possíveis). As construções que produzem os contextos isolados assemelham-se apenas parcialmente a outras construções existentes e apresentam uma correspondência forma-significado única. Logo, a noção de contexto isolado pode ser comparada à noção de construções formal

---

ou lexicalmente abertas que é definida como “padrões sintáticos dedicados a propósitos semânticos e pragmáticos reconhecíveis não só por sua forma”. (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 505). Isso significa que elementos linguísticos formais são construções cuja composicionalidade é reduzida, isto é, no mínimo, alguma parte da sua correspondência forma-significado tem de ser tratada holisticamente e não pode ser derivada em sua totalidade de outras construções ou de uma combinação de outras construções. Entretanto, elas são completamente produtivas quando suas posições sintáticas não são preenchidas com itens lexicalmente fixados.

A seguir, apresentamos exemplos, obtidos nos diários do Congresso Nacional, que ilustram as fases de integração da construção *espera aí*, desde o contexto fonte até o isolado. Por ser a construção de maior frequência no *corpus* e apresentar transições categoriais aparentemente mais definidas que as outras, entendemos que *espera aí* tenha servido de base analógica ao uso de *espera lá* e, posteriormente, a outras microconstruções associadas à mesoconstrução [XRLOC]<sub>RA</sub>.

### Contexto fonte

- 1) *Nessas conversas amenas com José Bonifácio, ele me deu lições curiosas. Com aquele espírito de humor que tinha, me disse certa feita: “Gastão, quando você tem um amigo chato que telefona dizendo que o vai visitar se esquece da hora de sair, você fala o seguinte: estou com minha mulher saindo para te visitar. Espera aí na sua casa, porque vou aí. Aí, você sai à hora que quiser, e não fica aturando o sujeito até 1 hora, 2 horas da manhã”.*

Pode-se perceber que os itens do arranjo analisado - *espera* e *aí* - apresentam certa independência sintática, semântica e morfológica. Em relação às construções gramaticais, essa estrutura é considerada mais composicional, menos esquemática e menos produtiva. No trecho acima, o verbo em destaque é lexical, expressando um pedido de aguardo do locutor para seu interlocutor. Apesar de não haver um objeto direto sintaticamente explícito na oração, podemos inferir pelo contexto que o pedido é para que o anfitrião espere por ele e por sua mulher, o que corresponderia a “espere-nos/me aí na sua casa”. O locativo *aí*, posposto ao termo *espera*, funciona como reforço na orientação espacial, formando, inclusive, um sintagma com os termos subsequentes:

---

“aí na sua casa”, caracterizando, nos termos da gramática tradicional, uma locução adverbial de lugar. Em seguida, o mesmo locativo é novamente utilizado, porém, posposto ao verbo *ir*, o que corrobora a ideia de que não há forte relação de dependência com o termo *espera*. Focando na oração em que o arranjo foi destacado em negrito, pode-se dizer que o *aí* atua como reforço catafórico da orientação espacial.

### Contexto atípico

2) JOSE PAULO DE ANDRADE – *Muito bem, Ministro. Então nós perguntaríamos, já no final do programa ao senhor - e é uma pergunta sugerida por um ouvinte da Bandeirantes - quando é que termina essa dívida externa brasileira. Ele está preocupado com isso. Ele acha que está pegando empréstimo para pagar juros. Quando é que os juros deixarão de aumentar o principal?* JOELMIR BETING - *Não, um momentinho. **Espera aí.** Hoje, o Ministro embarca para Nova Iorque, e a gente vai colocar primeiramente esta questão: o que o senhor vai fazer em Nova Iorque?*

A passagem de uma forma lexical para gramatical não ocorre de forma abrupta, mas sim percorrendo estágios que pertencem a um continuum de mudança. Embora, na expressão destacada acima, ainda esteja bastante presente o sentido do verbo pleno *esperar*, isto é, com o significado de aguardar, já não ocorre a expectativa por alguém ou algo. O intuito do jornalista Joelmir Beting foi refrear a fala de seu colega, José Paulo de Andrade, durante um período de tempo, o suficiente para que ele formulasse a pergunta considerada mais importante, e o entrevistado a respondesse. A referência temporal é confirmada pelo uso da expressão “um momentinho”, que antecede “espera aí”. Nesse estágio, é possível notar que já não há referência espacial por parte do *aí*, ocorrendo dependência sintática e semântica entre verbo e locativo, o que leva à formação de uma unidade que caminha para o *status* construcional. Comparada com as formações lexicais, é considerada menos composicional, mais esquemática e mais produtiva. Porém, ainda não se trata de uma construção propriamente dita, pois não há surgimento de um pareamento de forma nova e significado novo, já que a expressão ainda carrega bastante do sentido do verbo *esperar*. É interessante atentar para o seguinte exercício como uma das formas de comprovar o início do *status* construcional. Em (1), podemos passar a oração exemplificada, em que consta a sequência do verbo

---

*espera* seguido do locativo *aí* para o discurso indireto fazendo a correspondência de cada um dos termos de forma independente: “Disse que estava com sua mulher saindo para visitá-lo. Que esperasse ali na casa dele, porque iria ali”. No entanto, ao tentarmos repetir o feito com o trecho do exemplo (2), nos deparamos com certa dificuldade, pois percebemos que não é possível pensar em independência dos itens, e sim em uma vinculação sintático-semântica.

### Contexto crítico

- 1) O SR. RELATOR (Ronan Tito) – [...] O art. 12 continua, é aquele *in extremis*, em que, inclusive, a classe trabalhadora concorda, acha que está ok, o art. 13 está ok, o art. 14 aqui vamos colocar - pediria a atenção, inclusive, do Dr. Ulisses Ridel para esta redação. "Constitui abuso do direito de greve a inobservância das normas contidas na presente lei e com a manutenção da paralisação, após a celebração de acordo, convenção..." Não, não, perdão, outra vez. Isso aqui está tudo remendado. 41 "Constitui abuso do direito de greve a inobservância das normas contidas da presente lei, bem como a manutenção da paralisação, após a celebração de acordo, convenção ou em flagrante desrespeito à decisão da justiça. Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica em caso de descumprimento por parte do empregador de cláusulas ou condições estabelecidas no acordo ou em convenção coletiva, bem como na ocorrência de fato novo" Está certo? Este parágrafo único que existe aí corta tudo. O SR. GERSON PERES - **Espera aí**, vamos com calma. Qual é o artigo?

No fragmento acima, todavia ainda haja resquício da ideia de pedido de tempo, a expressão *espera aí* exerce função refreadora da fala do interlocutor, sobretudo, com o objetivo de conter a sequência de informações em grande volume e um tanto confusas proferidas pelo relator. A expressão “vamos com calma”, logo após o emprego do termo analisado, contribui para esse entendimento. Nos demais exemplos de usos de *espera aí* semelhantes a esse encontrados no corpus, observamos, em geral, a necessidade de abrandar a fala alheia, seja pelo ritmo acelerado, grande quantidade ou qualidade ineficaz da informação recebida. Esses problemas tendem a atrapalhar o raciocínio

---

lógico do receptor e, por essa razão, faz-se necessário um pedido de contenção. Além disso, a expressão referida também pode ser empregada como um pedido de refrear de ânimos; em meio a proferimentos mais exaltados, foram encontrados usos de *espera aí* seguidos de expressões como “fique calmo, vamos ouvir”. Em comparação com as expressões anteriormente analisadas, ela está em estágio ainda mais avançado no cline léxico-gramática, sendo considerada menos composicional, mais esquemática e mais produtiva, porém, sem ainda formar a vinculação forma nova - significado novo.

### Contexto isolado

- a) SR. JOSÉ LUÍS ESCANHOELA – [...] *Os municípios têm muita dificuldade em obter, por falta de informações, de obter recursos de como fazer. Então, quando se tem um escritório que faça isso, ou pessoas especializadas para isso, eles se socorrem deles. Porque há dificuldade de vir um prefeito à Brasília, pedir a um Deputado ou coisa assim; é muito difícil. SR. ITAMAR FRANCO - Não. Espera aí. V. S<sup>a</sup>. diz que nunca veio à Brasília. Então, qual é a dificuldade? O escritório de V. S<sup>a</sup>. nunca veio à Brasília; tinha aqui apenas um intermediador; uma hora era o Dr. Paulo, outra hora foi o Dr. Boni? SR. JOSÉ LUÍS ESCANHOELA - Boni. SR. ITAMAR FRANCO - Então, qual a dificuldade que restaria ao Prefeito em encaminhar o seu projeto ao Demec e dar seguimento através dele mesmo? V. S<sup>a</sup> diz que - aqui o depoimento numa resposta ao nobre orador - em nome da Prefeitura V. S<sup>a</sup>. teria falado ao MEC. Mas não sabe qual a repartição, a quem falava, porque falava.*

Nesse exemplo, é possível notar o surgimento de um pareamento de forma nova e significado novo, a expressão formada é muito menos composicional, ainda mais esquemática e produtiva que as anteriores. A microconstrução *espera aí* é utilizada pelo parlamentar Itamar Franco no intuito de refrear a fala do seu interlocutor, José Luís Escanhoela, não só por considerá-la equivocada, como também, e principalmente, por pretender apresentar o seu argumento. Frequentemente, o entorno dos construtos instanciados pela mesoconstrução [XRLoc]<sub>RA</sub> em sequências tipológicas argumentativas é marcado pela presença de advérbios de negação, conjunções adversativas,



---

conclusivas, consecutivas etc. No trecho (4), notamos também o uso de perguntas retóricas, que, diferentemente das perguntas comuns, não têm como objetivo obter uma resposta, e sim reforçar uma ideia em que se acredita, isto é, provocar no interlocutor a reflexão e conseqüente compreensão de um dado argumento. Nas linhas acima, a crença de Itamar Franco é de que não há dificuldade em obter recursos. Esses arranjos, com *status* construcional mais avançado nos níveis de gramaticalidade, atuam no universo do discurso, exercendo função de marcadores discursivos. A exemplo da construção destacada em (4), os arranjos gramaticais considerados marcadores argumentativos atuam no apoio de fatos, ideias, provas, entre outros, em objeção ou complementação restritiva do conteúdo de enunciados precedentes. Em geral, nas interações desse tipo, ao articular a expressão *espera aí*, o usuário não só refreia a formulação discursiva de seu interlocutor – a sua própria ou ainda uma ideia veiculada por algum tipo de mídia – como também, e principalmente, posiciona-se diante do que foi colocado, acrescentando novas informações, que denotam geralmente oposição ou restrição ao que foi dito. Sendo assim, denominamos esses tipos de marcadores discursivos *refreador-argumentativos*.

#### **O quarto estágio: (re)integração paradigmática**

Diewald e Smirnova (2012) afirmam que, além das mudanças morfossintáticas e semânticas, o fator mais importante da gramaticalização é o acréscimo da paradigmaticidade e – concomitante a ela – o processo de paradigmaticização. É o que figura proeminentemente nos parâmetros de gramaticalização de Lehmann e tem sido afirmado por muitos outros pesquisadores que trabalham com o tema.

A coesão de um signo com outros signos em um paradigma será chamada de paradigmaticidade, isto é, o grau em que ele entra em um paradigma, é integrado a ele e depende dele. [...] A *variabilidade paradigmática* de um signo é a possibilidade de usar outros signos em seu lugar ou omiti-lo completamente. (Lehmann, 2002, p.110).

Além disso, a organização paradigmática é amplamente aceita como a característica essencial de categorias e signos gramaticais. Paradigmas podem ser maiores ou menores que outros, eles podem ser construídos de itens formados homogeneamente por uma técnica (ex.: apenas flexão) ou por uma mistura de várias técnicas (ex.: flexão e formas perifrásticas; flexão e entonação). Ademais, paradigmas

podem ter membros centrais e membros periféricos (cf. Diewald 2010). Ainda assim, paradigmaticidade é uma característica inevitável das categorias gramaticais. Nós os chamamos de estágio de integração paradigmática do novo item gramaticalizado em um paradigma (relativamente) fechado.

Quadro 2: Tipos de contextos em gramaticalização: versão atualizada

<b>Estágio</b>	<b>Contexto</b>	<b>Significado/Função</b>	<b>Tipos de construção (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)</b>
I- Precondições da gramaticalização	Contextos atípicos	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Diewald; Smirnova, 2012.

Em contraste com os estágios I, II e III, que usam o eixo sintagmático como contexto, o estágio IV usa o eixo paradigmático. As autoras entendem por integração paradigmática o processo de estabilização de um novo signo gramatical que o transforma em parte integral de um paradigma. Nos três primeiros estágios desse modelo, um novo significado se desenvolve e se estabelece como uma variante relativamente independente do signo em questão, associado a propriedades semânticas, funcionais e estruturais particulares. No quarto estágio, esse novo significado associado a uma forma particular, isto é, um novo signo, se integra a um paradigma. Isso significa que, enquanto os três primeiros estágios descrevem a separação do novo significado da sua fonte, o último estágio refere-se a um processo em que o novo signo perde o seu

---

*status* independente (sua autonomia), à medida que se associa a outros membros do paradigma assim como com a categoria paradigmática/gramatical como um todo. Por um lado, o novo signo construcionalizado passa a ser confrontado com membros em oposição do mesmo paradigma e, por outro lado, é gradualmente associado com um significado gramatical mais abstrato que serve como um denominador comum para todo o paradigma. A estrutura resultante é um paradigma fortemente integrado, conforme é descrito por Lehmann:

Da parte semântica, os membros de um paradigma têm uma base semântica comum com variação de diferenças específicas. Isso seria apresentado por uma análise componencial e se reflete na terminologia tradicional pelo fato de que há um nome genérico da categoria para todo o paradigma e nomes de oposição para as subcategorias específicas. Essa paradigmaticidade é gradualmente alcançada no processo de gramaticalização. Categorias muito pouco gramaticalizadas não constituem paradigmas tão fortemente integrados. (LEHMANN, 2002, P.120)

Segundo as pesquisadoras, no quarto estágio da construcionalização gramatical, o novo significado gramatical torna-se dependente (ou não autônomo) do significado do paradigma – como um todo – a que pertence e, ao mesmo tempo, do significado dos outros membros paradigmáticos.

Diewald e Smirnova (2012) tratam a estreita organização semântica de um paradigma gramatical como sua propriedade mais relevante. No que se refere às características formais, os membros de um paradigma podem mostrar variação (e é o que geralmente acontece). Contudo, pode-se admitir que quanto mais desenvolvido (antigo) for um paradigma gramatical, mais homogêneas serão as características formais de seus membros. Por essa razão, ao descreverem “tipos de construção” no quarto estágio, as autoras tratam de “esquema construcional abstrato”. Assim, se referem a um conjunto de construções, isto é, por um lado, a rede construcional constrói o paradigma e, por outro, constrói cada construção individual dentro dele. Um esquema construcional abstrato consiste em bases semânticas comuns de um paradigma e em propriedades estruturais abstratas de suas construções participantes, representando, então, o tipo de associação não redutível de forma e significado crucial para a classificação de uma dada entidade linguística como uma construção.

Acrescentam ainda que, se já existir um paradigma gramatical, que funciona como categoria alvo do processo, esse paradigma serve como contexto paradigmático

---

no processo de construcionalização gramatical. Se não existir tal paradigma, isto é, se uma categoria completamente nova é desenvolvida em uma língua, seus futuros membros formam um paradigma entre eles, com os membros diacronicamente mais antigos servindo, geralmente, como modelo para um desenvolvimento análogo (formação padrão) dos novos membros.

As pesquisadoras enfatizam, ainda, que o estágio de integração paradigmática não é um período cronológico bem delimitado, mas sim um processo contínuo que é em si um desenvolvimento gradual. No começo de um processo da integração paradigmática, há paradigmas tipicamente não homogêneos com números relativamente altos de membros e características semânticas relativamente ricas, sobrepostas, não distintivas, movendo-se em direção ao fim em que os membros tornam-se formalmente mais homogêneos e ao mesmo tempo mais distintivos semanticamente. Quanto menor o paradigma, mais distinto será o contraste semântico entre os seus membros e mais dominante será a função gramatical. Isso, obviamente, pode ser testemunhado em todos os paradigmas flexionais diacronicamente antigos, que têm apenas poucos membros que, no entanto, têm um maior impacto distintivo do que os membros de paradigmas maiores, mais vagamente estruturados.

O quarto estágio da construcionalização gramatical por elas proposto não trata de construções individuais ou tipos de construções, isto é, não trata de operações no eixo sintagmático. Em vez disso, sua essência é a noção de um paradigma como um tipo de construção particular, isto é, a conceptualização de oposições paradigmáticas construindo uma categoria gramatical como um tipo específico de pareamento forma-função e, portanto, um tipo específico de construção. Isso representa o processo de integração de construções existentes – que foram estabelecidas durante os três estágios precedentes – e uma rede estreitamente inter-relacionada. O que ocorre nesse estágio é o processo de consolidação em um paradigma – o estabelecimento de relações paradigmáticas entre construções com o resultado de um novo paradigma (um novo tipo de construção).

A partir das análises de *espera aí*, elaboramos um quadro indicativo dos contextos de construcionalização gramatical, que culmina em um estágio de integração paradigmática. É importante mencionar, que, neste trabalho, não consideramos a integração paradigmática como um tipo de contexto no processo de construcionalização

gramatical, e sim como um modo de organização ou conceptualização de oposições paradigmáticas, em que é delimitada uma categoria gramatical específica.

Quadro 3: Contextos da construcionalização gramatical de *espera aí*

<b>Contexto fonte</b>	<b>Contexto atípico</b>	<b>Contexto crítico</b>	<b>Contexto isolado</b>
Valor lexical de itens relativamente independentes.	Valor temporal do arranjo como um todo (ainda lexical). O locativo perde sua função de circunstanciador espacial.	Valor situacional-discursivo (ainda há resquícios do valor lexical). O arranjo como um todo atua como um pedido de abrandamento.	Valor pragmático-discursivo. Surgimento de uma construção (pareamento de forma nova e significado novo). Função refreadora-argumentativa.
			<b>Integração paradigmática</b>
			<i>espera aí; espera lá; aguenta aí; alto lá; calma aí; calma lá; escuta aqui; segura aí</i>

### Considerações finais

Tendo em vista que esta pesquisa ainda está em desenvolvimento, nossos próximos passos estão relacionados à continuidade da coleta de dados, tanto no plano sincrônico quanto diacrônico; ampliação e refinamento da fundamentação teórica, metodologia e análise de dados. No que se refere à coleta de dados, daremos seguimento ao registro e às análises quantitativas e qualitativas das sequências *aguenta aí, alto lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí*, avaliando seus processos de construcionalização gramatical e/ou mudança construcional.

### REFERÊNCIAS

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: \_\_\_\_\_; WISCHER, Ilse (Ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

\_\_\_\_\_. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>.

\_\_\_\_\_. Abtönungspartikel. In: *Handbuch der deutschen Wortarten*, Ludger Hoffmann (Ed.). Berlin: de Gruyter. 2008. p. 117–142.

---

\_\_\_\_\_. On some problem areas in grammaticalization theory. In: *Grammaticalization. Current Views and Issues* [Studies in Language Companion Series 119], Katerina Stathi, Elke Gehweiler; Ekkehard König (Ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 17–50.

\_\_\_\_\_; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (Ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O’CONNOR, Catherine. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone*. *Language* 64, 1988. p. 501–538.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: *New Reflections on Grammaticalization* [Typological Studies in Language 49], Ilse Wischer & Gabriele Diewald (Ed.), 83–101. Amsterdam: John Benjamins.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*, 2nd revised edn. [ASSidUE 9]. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität. 2002.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (Ed.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

\_\_\_\_\_. DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: CUP. 2002.

\_\_\_\_\_; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.